

A SÍNCOPA DO SAMBA E A ORGANICIDADE: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DOMINGOS FÉLIX DO NASCIMENTO (CACIQUE DE RAMOS)

Submetido em 15/07/2022
Aceito em 17/07/2022

Kíssila da Silva Rangel¹
Walter da Silva Pereira Junior²

RESUMO: O presente relato de experiência tem como objetivo compartilhar os desafios e alguns processos de escolha realizados ao longo da organização do acervo textual e fotográfico do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento, pertencente ao Grêmio Recreativo Cacique de Ramos. Para tanto, contextualiza-se a criação do Cacique de Ramos e do Centro de Memória e também os subsídios teóricos que nortearam a organização do acervo. Em relação à metodologia, apresenta caráter exploratório e descritivo, com abordagem qualitativa. Conclui-se que a instituição de centros de memória com temáticas relacionadas ao samba são campo profícuo para transmissão do saber/fazer desta cultura.

PALAVRAS-CHAVE: Cacique de Ramos. Centro de memória. Centro de documentação. Organicidade.

SAMBA SYNCOPA AND ORGANICITY: ORGANIZATION OF THE COLLECTION FROM DOMINGOS FÉLIX DO NASCIMENTO MEMORY CENTER (CACIQUE DE RAMOS)

ABSTRACT: *This experience report aims to share the challenges and some selection processes carried out during the organization of the textual and photographic collection of the Domingos Félix do Nascimento Memory Center, belonging to the Grêmio Recreativo Cacique de Ramos. In order to do so, the creation of Cacique de Ramos and the Memory Center is contextualized, as well as the theoretical subsidies that guided the organization of the collection. Regarding the methodology, it has an exploratory and descriptive character, with a qualitative approach. It is concluded that the institution of memory centers with themes related to samba are a fruitful field for transmitting the know/how of this culture.*

KEYWORDS: *Cacique de Ramos. Memory center. Documentation center. Organicity.*

¹ Arquivista (UFF), doutoranda em Ciência da Informação (UFRJ). Colaboradora do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos. Email de contato: rangel.kissila@gmail.com

² Graduado em História (UFRJ), mestre em Memória e Acervos (Fundação Casa de Rui Barbosa). Coordenador do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos. Email de contato: walterspjr@hotmail.com

A SÍNCOPA DO SAMBA E A ORGANICIDADE: ORGANIZAÇÃO DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA DOMINGOS FÉLIX DO NASCIMENTO (CACIQUE DE RAMOS)

1. INTRODUÇÃO

As origens do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos remontam à união de agrupamentos carnavalescos de Ramos, zona norte da cidade do Rio de Janeiro. Foi criado despretensiosamente por um grupo de jovens na faixa dos 20-25 anos que já saíam, cada qual com sua turma de amigos e familiares, brincando o carnaval pelas ruas de bairros próximos desde o final dos anos 1950. A versão mais pactuada sobre a formação do Cacique indica que em 1961 os grupos encabeçados pelos irmãos Ubirajara (Bira) e Ubirany Félix do Nascimento, por Aymoré do Espírito Santo e por Walter “Tesourinha” Oliveira se juntaram para criar um bloco único. Com a reunião dos três, o dia 20 de janeiro, quando se comemora São Sebastião, foi escolhido como data oficial de fundação e o santo se tornou padroeiro da agremiação. Todas essas famílias guardavam também relações com a Umbanda e o Candomblé e aspectos da religiosidade sincrética acompanham o Cacique desde então (MESSEDER PEREIRA, 2003).

Nos dois primeiros anos, o bloco desfilou no bairro de origem, e daí em diante passou a se apresentar no Centro da cidade do Rio de Janeiro, estourando para o sucesso com o samba de quadra “Água na boca” (Agildo Mendes), em 1964. Progressivamente, o Cacique se tornou um fenômeno de multidão e os desfiles vibrantes tornaram-se um atrativo do carnaval carioca (*Ibidem*, 2003). Outro fator de atenção foi seu visual composto por uma fantasia de indígena estilizado, inspirada em roupas de nações norte-americanas, confeccionada em napa, inicialmente em preto e branco e com o acréscimo do vermelho a partir dos anos 70. Nessa década, o visual e a performance do Cacique foram abordados pelas obras conceituais de artistas visuais e plásticos como um interessante exemplo de ritual antropofágico e de quebra de padrões hierárquicos (CASTRO, 2021).

Em meados da década de 1970, a agremiação passou a contar com uma sede permanente, em Olaria, e os integrantes e amigos realizavam rodas de samba na sua quadra. Esse ambiente foi revelado para o grande público por meio da cantora Beth Carvalho, que incorporou a sonoridade dos encontros no disco “De Pé no Chão”

(1978). A partir dessa visibilidade, desdobrou-se um movimento que ajudou a florescer grandes nomes do samba carioca, a notabilizar uma nova instrumentação - o tantã, o repique de mão e o banjo - e a consolidar sua roda como um intenso polo de sociabilidades (MESSEDER PEREIRA, 2003). O Cacique manteve-se em atividade pelas décadas seguintes, realizando pagodes e desfiles carnavalescos e alternou períodos de ostracismo e dificuldades estruturais com outros de maior realce (REIS, 2003).

Sobretudo a partir da década de 1980, o Cacique de Ramos (quadra, roda de samba e desfile) começou a ser analisado como um fenômeno sociológico urbano. A própria imprensa já o identificava como o principal núcleo na formatação de uma nova página musical do samba carioca. Além dos instrumentos originais mencionados anteriormente, seus pagodes revelaram uma geração de cantores e compositores que a partir deles foram projetados para a indústria musical, como o Grupo Fundo de Quintal, Jorge Aragão, Zeca Pagodinho, dentre outros. Portanto, “Cacique de Ramos” passou a significar não só um espaço e uma instituição, mas uma estética específica, associada a um conjunto de elementos sonoros e referenciais, dentro do que se convencionou chamar “movimento do pagode” (TROTТА, 2016).

Da mesma forma, gradativamente, o Cacique passou a ser lido como um bem cultural através de ações institucionais e trabalhos acadêmicos. Em 1983, a Fundação Pró-Memória³ incluiu a instituição em um estudo, conduzido por pesquisadores universitários, que levantou informações sobre espaços de lazer populares da zona norte do Rio com o propósito de fomentar políticas culturais (MESSEDER PEREIRA, 1997; 2003). Já no final dessa década, o Cacique foi considerado um exemplo de “resistência cultural de negros proletários, à procura de uma alternativa para a galopante mercantilização do samba, que elaboram um repertório lúdico-religioso” (SANTOS, 1988, p. 17-18). Esse reconhecimento público, historicamente construído ao longo dos anos, converteu o Cacique de Ramos em ponto de referência da identidade cultural do Rio de Janeiro. Como marcos desse

³ “A Fundação Nacional Pró-Memória foi um órgão público criado em 1979 e extinto em 1990. Funcionou ao lado da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), formando com ela uma organização dual, que visou dar maior dinamismo às políticas culturais voltadas para a preservação do patrimônio cultural” (REZENDE; GRIECO; TEIXEIRA; THOMPSON, 2015). Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/53/fundacao-nacional-pro-memoria-1979-1990>. Acesso em: 10 jul. 2022.

processo podemos citar: sua distinção enquanto patrimônio cultural da cidade por meio de lei municipal em 2005⁴; menção como um dos *locus* de recriação das matrizes do samba carioca no dossiê que recomendou, em 2007, o registro delas como patrimônio imaterial do Brasil (CENTRO CULTURAL CARTOLA; IPHAN, 2007); a escolha de sua trajetória, em 2012, para o enredo da Estação Primeira de Mangueira denominado “Vou Festejar! Sou Cacique, Sou Mangueira”⁵.

1.1 O surgimento do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento

A primeira menção a "centro de memória" dentro do Cacique deu-se em 2014, quando o carnavalesco da agremiação, André Cezari, dispôs algumas fotografias e elementos cenográficos em paredes de um espaço da quadra batizado com esse nome. A escolha homenageou o patriarca de uma das famílias fundadoras, Domingos Félix do Nascimento, pai de Bira e Ubirany, boêmio responsável por introduzir os filhos no universo do samba e do carnaval. Em 2018, a expressão foi convertida em um projeto de memória institucional a partir do convite que um dos autores deste artigo, Walter Pereira, recebeu da presidência para atuar como membro da diretoria, o que passou a lhe conferir maior capacidade de mobilização.

Foi realizado diagnóstico das relações institucionais, o que permitiu identificar no ambiente organizacional do Cacique a dispersão de registros de suas atividades ao longo dos anos, bem como a escassez de material escrito sobre sua trajetória. Uma característica dessa instituição é a informalidade no trato administrativo dentro de uma estrutura enxuta, formada por um presidente e uma dezena de diretores, número que oscila com o tempo. Outro aspecto que influenciou na gestação dessa iniciativa foi o fato de que a agremiação é constantemente procurada por públicos variados em busca de referências para seus projetos, tais como jornalistas, produtores culturais e estudantes de vários níveis. Dessa forma, o Centro de Memória foi concebido para operar na reunião de documentos, produção e disseminação de conhecimento sobre o Cacique de Ramos.

⁴ Lei nº 4068 de 24 de maio de 2005 “Declara Patrimônio Cultural do Povo Carioca o Bloco Carnavalesco Cacique de Ramos”.

⁵ G1. 21 fev. 2012. “Mangueira forma bloco com público e canta 50 anos do Cacique de Ramos”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2012/noticia/2012/02/mangueira-forma-bloco-com-publico-e-canta-50-anos-do-cacique-de-ramos.html>

O primeiro passo da empreitada foi a escrita da identificação do projeto, formalizando um documento com objetivos a serem postos em prática. O segundo desdobramento foi a conquista de uma sala na agremiação, em sua quadra, reformada para sediar os trabalhos do Centro. A consecução desse intento foi fundamental para conferir ao núcleo uma certa materialidade nas relações sociais da agremiação: a partir daí, ele “existe” de fato, pois ocupa um local que pode ser visto e acessado pelo grupo que pretende alcançar. A cessão da sala e de mobiliário de uso da instituição foram o apoio material que a agremiação pôde oferecer nesse primeiro momento. Ocupar um espaço na sede do Cacique de Ramos foi decisivo no desdobramento do objetivo do Centro de Memória de reunir documentos diversos da trajetória do Cacique, formando assim um acervo próprio, o que será apresentado mais à frente. Nesse processo consideramos fundamental a formação gradativa de uma equipe voluntária que passou a atuar nas diferentes vertentes do Centro: a partir de 2018, Marcio Lopes nos registros audiovisuais e trabalhos de design; de 2019 em diante, Kíssila Rangel, arquivista, no planejamento e execução do tratamento do acervo documental; e em 2020, Luiza Helena Ermel na coordenação de projetos culturais.

Uma ação colocada em prática foi a criação de redes sociais do Centro de Memória no *Facebook* e *Instagram*. Por intermédio delas são divulgadas notícias sobre os projetos do Centro, textos que problematizam os diversos aspectos da trajetória do Cacique e itens do acervo documental acompanhados de contextualização. Outro trabalho consolidado é a formação de acervos de história oral, maneira de construir fontes originais de pesquisa. Desde 2019, o projeto *Memória Caciqueana* registra, em audiovisual, entrevistas de história de vida ou temáticas de personagens que participaram da história do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos. Entre os anos de 2021 e 2022, foi criado um acervo temático específico, *Impactos da pandemia na diretoria do Cacique de Ramos*, com a gravação de falas dos diretores da agremiação acerca do período de suspensão das atividades. O material está disponibilizado no canal do *YouTube* do Centro, acompanhado de resumos biográficos e sumários. Outras iniciativas dignas de menção, e em constante atualização, são: *Cacique Acadêmico*, bibliografia organizada com trabalhos acadêmicos que analisam, seja de maneira direta ou transversal, temas que envolvem o Cacique de Ramos; e *Cacique Audiovisual*, listagem de registros

audiovisuais externos (filmes, clipes, reportagens, etc.) que promoveram gravações sobre a agremiação. A ação do núcleo de memória também se expande, progressivamente, na direção da criação de produtos culturais como a exposição virtual *Cacique de Ramos: seis décadas de carnaval*, fomentada pelo edital Cultura do Carnaval Carioca, da Secretaria Municipal De Cultura do Rio de Janeiro, em 2022.

A gênese do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento dialoga com propostas sugeridas no *Dossiê das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro* para a salvaguarda dessas manifestações. O documento foi resultado do processo, encabeçado pelo Centro Cultural Cartola, de solicitação de registro do samba de terreiro, partido-alto e samba-enredo enquanto patrimônios imateriais do Brasil junto ao Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), o que foi acatado em 2007 (CENTRO CULTURAL CARTOLA; IPHAN, 2007). Nas recomendações de preservação, o texto expressa o salutar papel que as atividades de pesquisa e documentação podem ter na transmissão de saberes:

Sugere-se o estímulo e apoio à criação e capacitação de centros de memória e referência do samba, dentro das comunidades e/ou na Cidade do Samba, com a reunião de acervo – livros, teses, periódicos, partituras, instrumentos musicais, gravações, fotos, vídeos e filmes, que integram o rico repertório da produção cultural dos sambistas, mas ao qual pouco têm acesso por estarem abrigados em centros de pesquisa oficiais ou acervos particulares com os quais não mantêm estreito contatos; e também documentos, manuscritos, livros, recortes, gravações caseiras (imagem e som), instrumentos pessoais, fotos de álbuns de família, roupas, fantasias, figurinos e troféus, de integrantes das próprias comunidades de sambistas (CENTRO CULTURAL CARTOLA; IPHAN, 2007, p. 119).

O documento atribui às pesquisas de campo, históricas e biográficas a missão de ajudar a localizar, inventariar e preservar a memória do samba no Rio em consonância com a criação de espaços de referência que as subsidiem. Em sintonia com a sugestão do *Dossiê das Matrizes*, a própria permanência da denominação “centro de memória” na designação do projeto de referências construído pela equipe do Cacique dialoga com o potencial que um núcleo dessa natureza proporciona enquanto ação integrada de produção, salvaguarda e difusão de acervos. Contudo, convém destacar que os centros de memórias, conforme abordaremos a seguir,

apresentam peculiaridades e não possuem definição consensual (CAMARGO; GOULART, 2015).

A partir dessa característica singular, que por vezes se reflete em uma diversidade de documentos, optamos por compreender a noção de organicidade, advinda da arquivologia, como esteio fundamental para caracterização do acervo do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento. Em teoria musical, a síncopa é produzida “quando uma nota é executada em tempo fraco ou parte fraca do tempo e for prolongada ao tempo forte ou parte forte do tempo seguinte” (CONSERVATÓRIO DE MÚSICA “PADRE JOSÉ MARIA XAVIER, 2021, p. 5). O efeito da síncopa é o deslocamento das acentuações naturais, da mesma forma, no âmbito de um Centro de Memória os acervos geralmente não estão sob a guarda originária de um arquivo, biblioteca ou museu.

Outrossim, entendemos que identificar as nuances, similaridades e diferenças entre os diversos acervos do Centro de Memória assemelha-se à escuta atenta de um samba, onde a compreensão dos tempos relacionados a sua síncopa produzem, dentre outros aspectos, a harmonia entre as notas executadas. Dessa forma, identificar a organicidade, nos fornece subsídios para realizarmos escolhas e emprendermos um tratamento técnico que considere as singularidades do acervo salvaguardado no Centro de Memória.

2. CENTROS DE MEMÓRIA: BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO

A partir da contextualização da criação do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento, acreditamos ser fundamental apresentarmos as perspectivas que a literatura nos oferta em relação à definição e constituição de centros de memória.

No bojo dos estudos sobre memória empresarial, identificamos a definição de centro de memória como “[...] setores responsáveis pela definição e aplicação de uma política sistemática de resgate, avaliação, tratamento técnico e divulgação de acervos” (TOITINI; GAGETE, 2004, p. 124). Ainda sobre a vocação de um centro de memória, Pillay (2014) observa que, além de manter acervos, os centros de memória

[...] também incluem atividades culturais que permitem a continuação da cultura material patrimonial, espaços interativos e peças que se relacionam com as pessoas da região. Além de mostrar a cultura regional, os centros também permitem a participação do público,

tornando a memória fluida, dinâmica e presente. (PILLAY, 2014, p. 81, tradução nossa)

No que se refere a definição da instituição Centro de Memória, Camargo e Goulart (2015, p. 12) identificam que não há consenso sobre seu formato, alcance e significado, mas os centros de memória - esses lugares que tanto se parecem com arquivos - estão em toda parte”. As autoras questionam ainda se o uso da expressão centro de memória trata-se de um recurso para denominação de antigas práticas ou se de fato correspondem a algo específico que goze de originalidade. As antigas práticas as quais as autoras fazem menção são as desenvolvidas pela Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia. Conforme apontado por Smit (2000), o que aproxima estas áreas do conhecimento pode ser identificado em três eixos: gestão da memória, produção da informação documentária e mediação da informação.

Nesse contexto, percebemos que por não identificarmos nos autores consultados uma definição que evidencie o que diferencia um centro de memória de um centro de documentação, recorreremos também ao que é definido como centro de documentação a fim de congregarmos elementos que consubstanciam nossa fundamentação teórica.

Os centros de documentação são instituições híbridas que reúnem em si “[...] uma mescla das entidades anteriormente caracterizadas [arquivos, bibliotecas e museus] sem se identificar com nenhuma delas” (TESSITORE, 2003, p. 15). Em complemento, Bellotto (2006) pontua que um centro de documentação pode ser colecionador e/ou referenciador.

Com base nos estudos de Camargo (1999), em pesquisa a respeito do Centro de Memória da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro, Walter da Silva Pereira Junior (2021, p. 81) identifica que “o surgimento dos centros de documentação ligou-se à consolidação da Documentação enquanto campo disciplinar, inicialmente vinculada às atividades de organização bibliográfica [...]”.

Sem desconsiderarmos as particularidades de seus objetos e as metodologias de tratamento característicos das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e também sem desprezar as iniciativas de mediação cultural e pesquisas realizadas por instituições dessa natureza, reconhecemos a necessidade de que sejam desenvolvidas ações específicas com vistas à valorização da memória no âmbito do samba e de outras manifestações culturais. Cientes de que, ainda que

grêmios recreativos e escolas de samba possam deter alguma formalização administrativa, compreendemos que a sensação de pertencimento e o reconhecimento social conferem a estes locais a possibilidade de re(existir) ao longo do tempo. Aliado a este aspecto, existe o não reconhecimento de determinados grupos em instituições de preservação (ASSMANN, 2008), e por esse motivo é relevante conceber um centro de memória que objetive não só preencher determinadas lacunas das políticas de memória, mas também desenvolver ações que fomentem o registro de uma cultura e colaborem para fortalecer a sensação de pertencimento dos indivíduos que compartilham e vivem aquele ambiente.

Adiante, apresentaremos a base teórica a qual recorreremos para diferenciar o tratamento e a organização do acervo do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento.

3. A ORGANICIDADE COMO AGENTE CARACTERIZADOR DOS DOCUMENTOS DO ACERVO DO CENTRO DE MEMÓRIA

Com base no entendimento da natureza diversa de acervos que podem ser custodiados por um centro de memória, vimos na organicidade elemento basilar para a identificação dos documentos arquivísticos do CM Cacique de Ramos. A organicidade é tão cara à Arquivologia que podemos identificar sua presença na própria definição do objeto dessa área.

O Manual dos Arquivistas Holandeses, obra que segundo Maria Odila Kahl Fonseca (2004, p. 50) inaugura “o que se poderia identificar como uma disciplina arquivística”. A publicação explicita que “o arquivo é um todo orgânico [...] um organismo vivo que cresce, se forma e sofre transformações segundo regras fixas” (MULLER; FEITH; FRUIN, 1973, p. 18). Em outro clássico, o livro “Fundamentos da Disciplina Arquivística”, dos autores Jean-Yves. Rousseau e Carol Couture, o conceito de fundo é definido como “conjunto de documentos de qualquer natureza reunidos automática e organicamente [...]” (ROUSSEAU; COUTURE 1998, p. 91).

Michel Duchein (1992, p. 12), ao analisar a aplicação do Princípio de Respeito aos Fundos, admite que “a concepção orgânica dos arquivos é [...] fundamental” e, nesse sentido, a organicidade, “está vivamente presente na própria conceituação de fundo” e se constitui “nas relações orgânicas nos conjuntos documentais”, podendo ser entendida como “a qualidade segundo a qual os arquivos espelham a estrutura,

funções e atividades da entidade produtora/acumuladora em suas relações internas e externas” (BELLOTTO, 2002, p. 22). Sendo assim, é possível compreender que a organicidade é a responsável por delinear e, portanto, diferenciar o documento arquivístico dos demais. No entanto, os arquivistas têm

[...] cometido um equívoco: confundir orgânico com administrativo, de onde resulta considerar a organicidade propriedade exclusiva de entidades dotadas de aparelho jurídico-administrativo ou burocrático (SILVA, 2006, p. 157).

Ressaltamos que, conforme aponta Jardim (2012), a Arquivologia “é um saber de Estado”, por isso, houve um tempo em que os documentos produzidos fora do contexto governamental (arquivos pessoais, por exemplo) ou do formato tradicional em papel (fotografia, documentos digitais) não eram considerados nem na teoria, tampouco nos métodos arquivísticos. Logo, é compreensível que as concepções a respeito da organicidade sejam diferentes, pois decorrem de épocas distintas.

A respeito da compreensão da fotografia enquanto documento de arquivo, Aline Lopes de Lacerda, ao analisar a obra de Schellenberg (2002), identificou que para o autor os “materiais especiais” não se relacionariam com a atividade fim das instituições e por esse motivo “não conteriam a qualidade da organicidade, uma das constituintes dos documentos típicos de arquivo” (LACERDA, 2008, p. 54). As fotografias por apresentarem um tipo de suporte com necessidades específicas de preservação tiveram sua organicidade negligenciada na maioria das instituições arquivísticas (MADIO, 2012, p. 57).

No que tange a presença da organicidade em arquivos pessoais, ao analisar a dimensão autobiográfica do arquivo de Gustavo Capanema, Priscila Fraiz (1988) propõe que se alargarmos o conceito de prova documental poderemos considerar que é “na organicidade de um arquivo pessoal, na maneira como os documentos foram organizados e mantidos em seu local de origem, é que reside seu valor de prova” (FRAIZ, 1998, p. 62). Nessa perspectiva, Camargo (2009) tece uma crítica ao tratamento que tem sido empreendido aos arquivos pessoais, cuja organização por “[...] formas, gêneros, assuntos e formatos –, [...] compromete sua organicidade e sinaliza a renúncia ao caráter probatório”, a autora destaca que “os arquivos de pessoas devem ser tratados como arquivos, isto é, devem ficar ancorados ao contexto em que foram produzidos” (CAMARGO, 2009, p. 36).

Dessa forma, verificamos que a partir do entendimento dos arquivos pessoais serem campo de atuação do arquivista a própria percepção da noção da organicidade também se modificou. Ao refletir sobre a organicidade em fotografias e nos arquivos pessoais é possível identificar que tudo o que fugia à concepção preliminar de conjunto documental, não recebia um tratamento que considerasse a relação orgânica existente na produção desses tipos de acervos.

4. DESAFIOS, ESCOLHAS E ALGUNS RESULTADOS

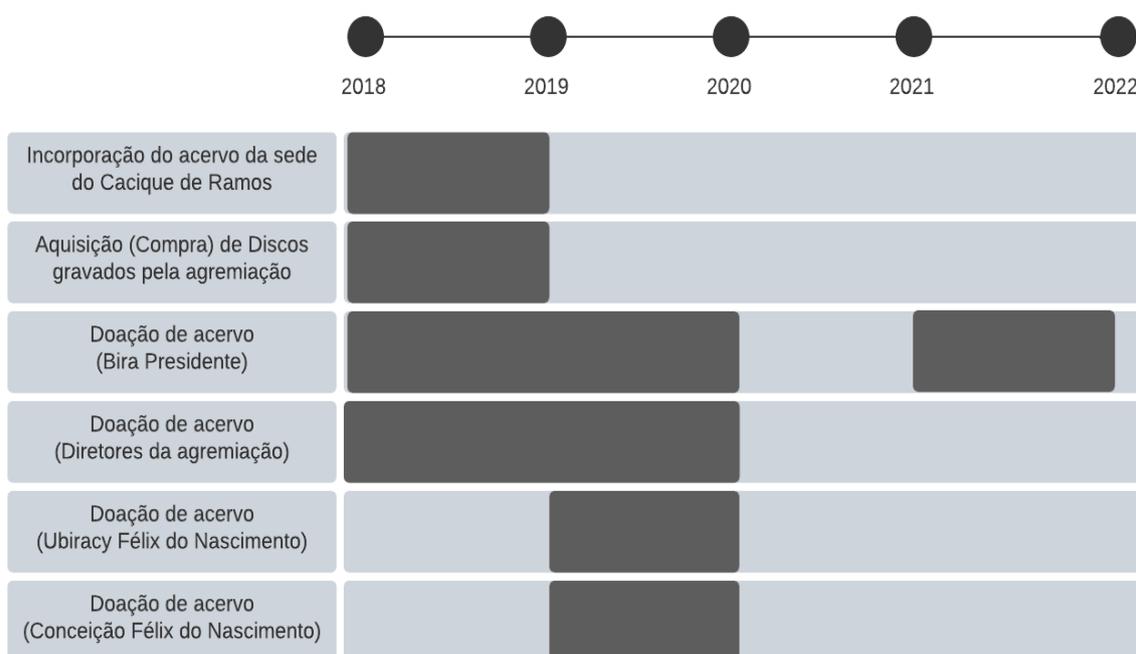
A composição do acervo do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento está ligada à decisão do núcleo em reunir fisicamente itens ou conjuntos documentais expressivos da trajetória do Cacique de Ramos. A primeira ação compreendeu a incorporação de fotografias avulsas, troféus e placas encontrados na sede e a compra de discos gravados pela agremiação nos anos 60 e 70. Logo em seguida, a coordenação do Centro trabalhou na sensibilização dos membros da diretoria de modo a estimulá-los a doar material. Dessa forma, foram incorporados álbuns de fotografias, vídeos de desfiles antigos do bloco, recortes de jornais sobre o Cacique, fantasias de napa, camisas temáticas do bloco e documentos oriundos das atividades desenvolvidas pela instituição.

Etapa significativa desse processo foi o dirigente do Cacique de Ramos, Ubirajara Félix do Nascimento, o Bira Presidente⁶, ter realizado a doação, em etapas sucessivas, de variada documentação até então mantida em sua residência. Compreende medalhas, troféus e placas recebidos pela agremiação da parte de escolas de samba, blocos, entidades representativas, clubes, coletivos, rodas de samba e instituições diversas, sobretudo nas décadas de 1960, 1970 e 1980. Ao que tudo indica, na ausência de um espaço de guarda no próprio Cacique, o presidente considerou que sua casa seria o local para resguardar os objetos. Essa *memorabilia* complementa o acervo que já estava de posse da entidade, anteriormente incorporado, composta por itens das décadas de 1990, 2000 e 2010. Um relevante aliado na composição do acervo foi outro membro da família Félix do Nascimento: Ubiracy, irmão de Bira e Ubirany, que entre as décadas de 1960 e 1980 registrou

⁶ Um dos fundadores do G.R. Cacique de Ramos e seu presidente há seis décadas, músico, pandeirista, criador e integrante do Grupo Fundo de Quintal Disponível em <https://dicionariompb.com.br/artista/bira-presidente/>. Acesso em 12 jul.2022

em imagem e som momentos da vida recreativa do Cacique e do grupo de amigos e familiares do seu entorno. As fotografias e vídeos estiveram durante longos anos sob sua própria guarda, e com a criação do Centro de Memória, Ubiracy viu na iniciativa uma possibilidade segura de doar o material ao Cacique, reduzido em número de itens, mas expressivo da sociabilidade de parcela da comunidade que deu forma à instituição. Finalmente, a irmã caçula, Conceição, destinou alguns registros fotográficos avulsos do cotidiano familiar. Adiante apresentamos uma sistematização da produção e incorporações de acervo realizadas pelo Centro de Memória.

Figura 1 - Composição do acervo do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento



Fonte: Elaboração própria

O relato da incorporação dos acervos e a figura apresentada acima evidenciam a expressividade da presença de integrantes da referida família fundadora ainda hoje no cotidiano da agremiação. O fato já foi estudado por Leonardo Reis (2003) em trabalho sobre processos de memória no seio do Cacique de Ramos. Na pesquisa, o autor já indicava a preponderância da família Félix do Nascimento nos destinos e na escrita da história da agremiação em detrimento das outras famílias fundadoras que progressivamente afastaram-se do dia-a-dia da entidade. Desse modo, notamos

que há um entrecruzamento de memórias entre os Félix do Nascimento e o Cacique-instituição, o que promove um enquadramento de memória que privilegia as ações dos integrantes do grupo como a “própria” memória da entidade.

Diante de um acervo tão heterogêneo no que tange à procedência, optamos por identificar as atividades basilares que instituíram o Cacique não somente enquanto agremiação, mas também pelos aspectos que o distinguem de outras instituições congêneres.

Sumariamente, a razão da existência do bloco baseia-se no desejo daquele grupo de amigos em brincar o carnaval no Rio de Janeiro. Ao longo dos anos, a partir da interação entre membros do bloco, suas famílias, amigos e foliões, o bloco desenvolveu uma vivência recreativa que transpôs os dias de folia e a quadra do Cacique de Ramos tornou-se um reduto cultural que se circunscreve na própria história do samba. Com base na vocação da instituição, delineamos as seguintes categorias para construção da metodologia de tratamento do acervo que compreendemos enquanto acervo do Cacique de Ramos:

- a) Carnaval;
- b) Atividades sócio-recreativas; e
- c) Sede e Gestão.

A série “Carnaval” é composta por documentos oriundos dos ensaios, desfiles e produção musical da agremiação. Já a série “Atividades sócio-recreativas” abrange registros criados no âmbito dos eventos realizados na instituição (pagodes, feijoadas e encontros), homenagens prestadas e recebidas, além de premiações. Por fim, a série “Sede e Gestão” é composta por documentos relacionados à gestão da sede e do bloco, além de propostas de projetos e parcerias.

Ressaltamos que ao organizarmos os documentos e compreendermos as relações orgânicas entre eles e seu produtor/acumulador, ficou evidente a existência de uma coleção fotográfica da família Félix do Nascimento e do arquivo pessoal do Bira Presidente.

O acervo que preliminarmente identificamos enquanto arquivo pessoal compunha as doações enviadas por Bira ao Centro de Memória. A documentação doada relaciona-se com as premiações que ele recebeu ao longo de sua carreira

enquanto dirigente e, especificamente, como artista, tais quais discos de ouro e homenagens. Também foram doados recortes de jornais e revistas de décadas diversas que abordam tanto sua vida profissional quanto a agremiação; álbuns de fotografias da sua trajetória no Cacique e no Fundo de Quintal; discos de cantores e grupos de samba da sua coleção privada (vários com autógrafos de artistas do seu círculo); dois pandeiros antigos, instrumentos do seu uso.

Dessa forma, optamos por separar o conjunto doado pelo dirigente com o objetivo de compor o acervo do Cacique de Ramos. Ao realizar tal escolha, nos defrontamos com o desafio de compreender as minúcias da relação institucional e pessoal na constituição de arquivos pessoais. Ou seja, a coleção fotográfica que trata da vida privada da família Félix do Nascimento e os documentos que constatamos terem sido acumulados por Bira Presidente em razão de sua atividade profissional enquanto artista e componente do grupo Fundo de Quintal não foram incorporados aos conjuntos documentais gerados ou acumulados em consequência da atuação da agremiação.

Por não existir uma teoria e metodologia específicas para tratamento do acervo presentes em Centros de Memória (TESSITORE, 2003), escolhemos registrar nossas escolhas em uma espécie de caderno de campo do tratamento do acervo para que possamos ter um registro das ações que definimos que seriam aplicadas ao acervo, bem como mudanças de percurso. Assim, a opção de distinguir a coleção fotográfica da família e o arquivo pessoal do Bira Presidente foram pontos de discussão da equipe cuja resolução foi registrada neste caderno.

No que diz respeito à constituição do Centro de Memória, é expressivo o batismo do espaço decorado, que deu origem ao projeto, com o nome do patriarca, designação mantida pelo grupo que expandiu a iniciativa. O elemento transparece a relevância atribuída às memórias e contribuições da Família Félix do Nascimento. O fato é que outros integrantes antigos, por exemplo membros das famílias Oliveira e Espírito Santo, não convivem mais no Cacique e desse modo não foi possível se aproximar, ainda, dos seus remanescentes com o intuito de envolvê-los no projeto com vistas à incorporação de novos acervos, como foi realizado com os irmãos Bira e Uiracy.

Finalmente, todo o processo de tratamento do acervo tem subsidiado a revisão da minuta da política de aquisição de acervos do Centro de Memória, documento

que terá por objetivo definir as linhas de acervo do núcleo, bem como aspectos relacionados a sua difusão e uso.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Entendemos, dessa forma, que centros de memória são entidades híbridas que congregam acervos e/ou referências de origens variadas que versam sobre determinada temática, instituição ou grupo social. Além de realizar o tratamento do acervo sob sua custódia, apresentam iniciativas que fomentam as políticas de memória por meio da difusão, sendo esta, tão importante quanto os métodos de organização do acervo. Constituem, portanto, espaço de vigorosa integração e interdisciplinaridade.

Assim, inteirados da imprescindibilidade de ordenação do acervo do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento e da diversidade de origens dos documentos acumulados e produzidos pelo Cacique de Ramos, vislumbramos que ao identificar a vocação desta agremiação, seu funcionamento e as atividades basilares desenvolvidas por seus membros poderíamos empreender uma organização que levasse em conta a organicidade da documentação. Ao longo do processo de organização do acervo executamos algumas escolhas a fim de desenvolvermos nossa própria metodologia. O presente relato intencionou cumprir a função de registrar tais escolhas com a expectativa de fomentar as discussões em torno de metodologias de tratamento de acervos em centros de memória.

Conforme demonstramos, o Centro de Memória vem sendo construído como projeto articulado com o potencial de congregar e disseminar informações, e também produzir conhecimento sobre o Cacique. A reunião e preservação de itens e conjuntos documentais expressivos da trajetória da agremiação transparecem como ações assertivas para que se alcancem aqueles objetivos expressos pelo núcleo. Como desafios podemos citar alguns elementos. Primeiramente, a consolidação da atuação do Centro junto à entidade a qual serve, visto que habitualmente no universo do samba e do carnaval do Rio de Janeiro projetos institucionais de memória são descontinuados e os acervos formados são fragmentados ou até mesmo descartados por completo⁷. Também internamente, o desenvolvimento da

⁷ A esse propósito consultar PEREIRA JUNIOR (2021).

capacidade de sensibilizar possíveis doadores de acervos, de modo que do ponto de vista da documentação abrigada, ela reflita os personagens e grupos que deram/dão forma à instituição e assim o Centro estruture-se como um espaço que estimule o pertencimento de uma gama plural de pessoas.

O relato aqui apresentado se associa a um esforço coletivo, preconizado pelo *Dossiê das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro*, de estimular a pesquisa e a documentação como elementos de transmissão do saber/fazer dentro da comunidade do samba carioca. Da mesma forma, demonstra as potencialidades da formação de um espaço de referências no próprio território dos detentores daquela cultura, caso do Centro de Memória Domingos Félix do Nascimento do Grêmio Recreativo Cacique de Ramos.

REFERÊNCIAS

ASSMANN, Jan. Communicative and cultural memory. In: ERLI, Astrid; NÜNNING, Ansgar (ed.). *Cultural memory studies: an international and interdisciplinary handbook*. Berlin: Walter de Gruyter, 2008, p. 109-118.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivística: objeto, princípios e rumos*. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2002

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. *Arquivos permanentes: tratamento documental*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

BRUNO, Leonardo. Prefeitura investe mais de 1 milhão na reforma do Cacique de Ramos. **Extra**, 2009. Disponível em: <https://extra.globo.com/tv-e-lazer/roda-de-samba/prefeitura-investe-mais-de-1-milhao-na-reforma-do-cacique-de-ramos-391041.html>. Acesso em: 07 jul.2022.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Arquivos pessoais são arquivos. *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v. 45, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/2009-2-A02.pdf>. Acesso em: 08 jul. 2022.

CAMARGO, Ana Maria de Almeida; GOULART, Silvana. *Centros de memória: uma proposta de definição*. São Paulo: SESC, 2015

CAMARGO, Célia. Os centros de documentação das universidades: tendências e perspectivas. In: SILVA, Zélia Lopes da. *Arquivos, patrimônio e memória: trajetórias e perspectivas*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 49-63

CASTRO, Mauricio Barros de. *Carnaval-ritual: Carlos Vergara e Cacique de Ramos*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

CENTRO CULTURAL CARTOLA; IPHAN. Dossiê das Matrizes do Samba no Rio de Janeiro: partido-alto, samba de terreiro e samba enredo: 2007. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi%20Matrizes%20do%20Samba.pdf>. Acesso em 07 jul. 2022.

CONSERVATÓRIO DE MÚSICA “PADRE JOSÉ MARIA XAVIER. *Plano de Estudos Tutorados*. 2021. Disponível em: <<http://www.conservatoriosjdr.com.br/downloads/d3c93a50f5675f850d448e0367c78ffd.pdf>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

DUCHEIN, Michel. O respeito aos fundos em arquivística: princípios teóricos e problemas práticos.. *Arquivo & Administração*, v. 10-14, n. 2, 1986, p. 01-16., v. 24, n. 2, 2018.

FONSECA, Maria Odila Kahl. *Arquivologia e Ciência da Informação: (re)definição de marcos interdisciplinares*. 2004. 181 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2004.

FRAIZ, Priscila. A dimensão autobiográfica dos arquivos pessoais: o arquivo de Gustavo Capanema. *Estudos Históricos*, v. 11, n. 21, p. 59-87, jul. 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2060/1199>>. Acesso em: 05 jul. 2022.

JARDIM, J. M. A Pesquisa em Arquivologia: um Cenário em Construção. In: VALENTIM, M. L. P., ed. *Estudos avançados em Arquivologia* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p. 135- 153.

LACERDA, Aline Lopes de. *A fotografia nos arquivos: a produção de documentos fotográficos da Fundação Rockefeller durante o combate à Febre Amarela no Brasil*. 2008. 259f. Tese (Doutorado em História Social) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

LOPES DA SILVA, Fábio Luiz. Esquina de tantas ruas: os pagodes do Cacique de Ramos no espaço urbano carioca. *Fênix: revista de história e estudos culturais*. Florianópolis, v. 10, p. 1-22, 2013.

MADIO, Telma C. de Carvalho. Uma discussão dos documentos fotográficos em ambiente de arquivo. In: VALENTIM, M. L. P., ed. *Estudos avançados em Arquivologia* [online]. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012, p.55-68.

MANGUEIRA forma bloco com público e canta 50 anos do Cacique de Ramos. **G1**. 2012. Disponível em: <https://g1.globo.com/rio-de-janeiro/carnaval/2012/noticia/2012/02/mangueira-forma-bloco-com-publico-e-canta-50-anos-do-cacique-de-ramos.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.

MASCARENHAS, Gabriel. Em 50 anos, Cacique de Ramos revelou talentos do samba de raiz. **Extra**, 2011. Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/carnaval/em-50-anos-cacique-de-ramos-revelou-talentos-do-samba-de-raiz-901600.html>. Acesso em: 07 jul. 2022.

MESSEDER PEREIRA, Carlos Alberto. *Cacique de Ramos: uma história que deu samba*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2003.

MULLER, S.; FEITH, A.; FRUIN, R. *Manual de Arranjo e Descrição de Arquivos*. Tradução Manoel Adolpho Wanderley. Rio de Janeiro: Ministério da Justiça; Arquivo Nacional, 1973.

PEREIRA JUNIOR, Walter da Silva. *Hiram Araújo e a institucionalização de acervos no Centro de Memória de Carnaval da Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro*. 2021. 180f. Dissertação (Mestrado em Memória e Acervos) - Fundação Casa de Rui Barbosa, Rio de Janeiro, 2021.

PILLAY, Nischolan. *Rediscovering Indian identity through built form in Durban: a memory centre for Indian culture*. 2014. 186 f. Tese. Universidade de KwaZulu-Natal, Durban, 2014. Disponível em: <<https://researchspace.ukzn.ac.za/xmlui/handle/10413/13829>>. Acesso em: 08 jul. 2022.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. *Os fundamentos da disciplina arquivística*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.

REIS, Leonardo Abreu. *Memória familiar no Cacique de Ramos*. Orientador: Drº Miguel Angel de Barrenechea; Drª Jô Gondar. 111 f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento) - Programa de Pós-Graduação em Memória Social, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2003.

REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia. Fundação Nacional Pró-Memória. In: _____. (Orgs.). *Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural*. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015. (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6.

SANTOS, Joel Rufino. IPCN e Cacique de Ramos: dois exemplos de movimento negro no Rio de Janeiro. *Comunicações ISEER*, n. 28, p. 5-28, 1988.

SMIT, Johanna Wilhelmina. Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia: o que agrega estas atividades profissionais e o que as separa? *Revista Brasileira de biblioteconomia e documentação*, v. 1, n. 2, p. 27-36, 2000. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/399/373>. Acesso em: 07 jul. 2022.

TESSITORE, Viviane. *Como implantar centros de documentação*. São Paulo: Arquivo do Estado, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003. 56p. (Projeto como fazer, 09).

TOTINI, Beth; GAGETE, Élide. Memória empresarial, uma análise da sua evolução. In: NASSAR, Paulo (Coord.). *Memória de empresa: história e comunicação de mãos dadas, a construir o futuro das organizações*. São Paulo: Associação Brasileira de Comunicação Empresarial, 2004. p. 113-126.

TROTTA, Felipe. Mussum, Os Originais do Samba e a sonoridade do pagode carioca. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, v. 23, n. 2, p. ID22325, mar. 2016.